

# Uma Teorização *Fronteriza*: Descolonizações Epistêmico-Biográficas

*Una Teorización Fronteriza: Descolonizaciones Epistémico-Biográficas*

*A Border Theory: Epistemic-Biographical Decolonizations*

Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>1</sup>  
Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

## Resumo

A partir das *teorizações* propostas por Edgar César Nolasco, à luz de Walter Mignolo, na obra *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) e no texto “Crítica biográfica fronteiriça”, o presente trabalho propõe delinear uma discussão teórica acerca da crítica biográfica fronteiriça. Essa teorização é pensada e erigida da fronteira-Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia), isto é, fora do eixo cultural hegemônico dos saberes. Nesse sentido, a fronteira a qual nos referimos é tanto de ordem territorial quanto, sobretudo, epistemológica, imaginária. É um lugar de aproximação, mas também de distanciamento. Além disso, alguns conceitos como *pensar a partir de*, biolocus, desobediência epistêmica, razão subalterna e gnose liminar são substanciais para o debate proposto. Tais conceitos são basilares na medida em que corroboram em uma leitura na diferença e, como consequência, uma melhor compreensão do lugar que lemos e produzimos. Por fim, nossas leituras contribuem para uma melhor compreensão do lugar em que a crítica latino-americana e brasileira estão sendo pensadas hoje.

Palavras-Chave: Fronteira, biolocus; crítica biográfica fronteiriça; cultura; epistemologia.

## Resumen

A partir de las teorizaciones propuestas por Edgar César Nolasco, bajo la luz de Walter Mignolo, en la obra *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) y en el texto “Crítica biográfica fronteiriça”, este trabajo propone delinear una discusión teórica sobre la crítica biográfica fronteriza. Esa teorización es pensada y erigida de la frontera-Sur (Brasil/Paraguay/Bolivia), es decir, fuera del eje cultural hegemónico de los saberes. En este sentido, la frontera cual nos referimos es tanto de orden territorial cuanto, especialmente, epistemológica, imaginaria. Es un sitio de aproximación, pero también de alejamiento. Además, algunos conceptos como *pensar a partir de*, *biolocus*, desobediencia epistémica, razón subalterna y gnosis de frontera son substanciales para el debate propuesto. Estos conceptos son esenciales porque corroboran para una lectura en la diferencia e, como consecuencia, una mejor comprensión del lugar que lemos y producimos. Por fin, nuestras lecturas contribuyen a una mejor comprensión del sitio en que la crítica latinoamericana y brasileña están siendo pensadas hoy.

Palabras claves: Frontera, *biolocus*; crítica biográfica fronteriza; cultura; epistemología.

## Abstract

From the theorizations proposed by Edgar César Nolasco, in the light of Walter Mignolo, in the work *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) and in the text "Crítica biográfica fronteiriça", the present work proposes to delineate a theoretical discussion about criticism Frontier biography. This theorizing is thought and

<sup>1</sup> Graduando em Letras habilitação Português/Inglês; UFMS/FAALC/NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; e-mail: [pedro\\_alvesdemedeiros@hotmail.com](mailto:pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com). Trabalho apresentado no I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguazu/PR, Brasil, 2017.

<sup>2</sup> Doutorado em Estudos Literários; UFMS/PACC/NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; e-mail: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br). Trabalho apresentado no I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, Foz do Iguazu/PR, Brasil, 2017.

erected of the South-frontier (Brazil / Paraguay / Bolivia), that is, outside the hegemonic cultural axis of the knowledge. In this sense, the frontier to which we refer is both territorial and, above all, epistemological, imaginary. It is a place of approach, but also of distance. Moreover, some concepts such as thinking from, biolocus, epistemic disobedience, subaltern reason and liminal gnosis are substantial for the proposed debate. Such concepts are basic in that they corroborate in a reading of difference and, as a consequence, a better understanding of the place we read and produce. Finally, our readings contribute to a better understanding of the place in which Latin American and Brazilian criticism is being considered today.

KEY WORDS: Frontier, biolocus, border biographical criticism, culture, epistemology.

## 1. Introdução

Antes de adentrarmos de fato ao recorte epistemológico “crítica biográfica fronteira”, faz-se necessário um preâmbulo a fim de abordarmos alguns apontamentos sobre as duas *teorizações*, crítica biográfica e pós-colonialidade, que, juntas, deram origem à crítica biográfica fronteira.

Nosso foco, nesse momento, será traçar um percurso desde a pós-colonialidade até o que se tem por crítica biográfica fronteira hoje. Sendo assim, toda a nossa discussão sempre estará atravessada pelo nosso lócus, tanto geoistórico, quanto, primordialmente, epistemológico: a fronteira-sul.

É necessário entender a confluência da pós-colonialidade com a crítica biográfica para compreendermos melhor o que é a crítica biográfica fronteira. Antes de tudo, essa teorização foi cunhada pelo professor sul-mato-grossense Edgar César Nolasco que há anos vem debatendo a partir da fronteira sobre teorias fronteiriças – rubricas pós-coloniais, pós-ocidentais. Algumas das suas obras em que os postulados fronteiriços são trabalhados à última potência são: *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) e *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade*.

Diante disso, ambas as obras se propõem a abordar a teoria pós-colonial a partir de *loci* variados, visto que *Os CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS* apresentam a compilação de vários teóricos, como a indiana Gayatri Chakravorty Spivak<sup>3</sup>, o uruguaio Hugo Achugar<sup>4</sup>, entre muitos outros. Entretanto, nosso foco, neste trabalho, estará sempre voltado para a ótica de Nolasco à luz de Walter Mignolo a respeito dos estudos pós-coloniais, uma vez que o professor teoriza e erige seu discurso *a partir do lócus fronteiro* em que me situo: a

---

<sup>3</sup> Gayatri Chakravorty Spivak nasceu em 1942 é natural de Calcutá, Índia e ainda está viva. É crítica e teórica indiana, sobretudo, no que convém aos estudos subalternos, erigindo sua teorização sempre a partir do seu lócus geoistórico e epistemológico. Sua obra mais famosa é *Pode o subalterno falar?* o qual é considerado um texto basilar para os estudos subalternos.

<sup>4</sup> Hugo Achugar nasceu em 1944 é natural de Montevideú, Uruguai e ainda está vivo. É poeta, ensaísta e pesquisador uruguaio, trabalha as relações de poder a partir de percepções coloniais. Uma de suas obras primordiais é *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.

fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia.

Além do uso dos *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, também nos deteremos ao livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* de Nolasco, pois o professor discute vastamente seu lócus de enunciação, sua condição fronteiriça, as paisagens que moldam a fronteira-Sul, as memórias latinas e, sobretudo, na esteira de Mignolo, os conceitos basilares para a pós-colonialidade, como a opção descolonial, a razão subalterna, a gnose liminar, a diferença colonial, a desobediência epistêmica e as sensibilidades biográficas.

Sendo assim, inicialmente, utilizaremos as duas obras supracitadas para trabalharmos com a teoria pós-colonial. Nossa escolha quanto aos textos selecionados como referencial teórico está abalizada em uma perspectiva fronteiriça por excelência. Isto é, produzimos nossos saberes a partir de uma fronteira, geostórica e epistemológica, sob influência de um professor que também erige uma crítica a partir desse lugar. Logo, temos consciência da nossa condição *biolocal* e da importância que a produção desses saberes tem para um projeto descolonial.

Pensando nas questões acerca do *bios*, em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* Nolasco explicita o motivo pelo qual sua teorização parte de pressupostos de ordem pós-colonial, mas também, crítico-biográfica. O professor, à luz de Mignolo e Souza, se vale das sensibilidades *locales* (MIGNOLO) ou sensibilidades biográficas sempre envolvidas na produção dos seus saberes, sobretudo, diante do seu lócus de enunciação: a fronteira-Sul, a qual, de maneira nenhuma, pode estar extrínseca à discussão. Essa noção fronteiriça é pujante para o recorte epistemológico pós-colonial e, como veremos posteriormente, crítico-biográfico fronteiriço:

Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceitos dos centros como os que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (MIGNOLO) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. Foi por priorizar isso que procurei agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, uma abordagem crítica biográfica brasileira (Souza), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida. (NOLASCO, 2013, p. 15-16).

As palavras que dão nome ao livro de Nolasco, grafadas em espanhol, “*selbaje*” e “*fronteriza*”, segundo o professor, são provindas do seu lócus epistemológico, da sua fronteira, a qual está imbricada por brasileiros, paraguaios e brasiguaios. Oportunhol é uma marca deste lugar e, ao se utilizar de ambos os idiomas, Nolasco reencontra-se com seu próprio *bios*, no que tange à sua família, história e cultura. As sensibilidades biográficas

do autor sul-mato-grossense são postas em cena a partir da elucidação do portunhol, há a rememoração de um passado familiar sob o crivo da condição fronteiriça.

Ou seja, essas perspectivas advindas da crítica biográfica são fundamentais para compreendermos melhor o nosso *bios e* dos sujeitos outros. As sensibilidades biográficas ou sensibilidades locais (MIGNOLO) são postas em cena juntamente com o lócus de cada indivíduo. No caso deste trabalho, nosso discurso, sob a égide de Nolasco, está imbricado pela fronteira que habita em nós geoistoricamente e de maneira epistemológica.

Quando o professor sul-mato-grossense publicou o livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* e organizou os *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade* seu recorte epistemológico ainda não estava totalmente delimitado enquanto crítica biográfica fronteiriça. Mas, sim, atravessados pelos estudos fronteiriços pós-coloniais, pós-ocidentais aliados às noções crítico-biográficas<sup>5</sup> propostas por Eneida Maria de Souza.

Nosso intuito é dar alicerce histórico-teórico para o leitor entender que para se tornar o que é hoje, a crítica biográfica fronteiriça apresenta-se como resultado da confluência de duas epistemologias que fizeram e fazem parte do *bios de* Nolasco. O fato do professor ter cunhado uma teorização que abarca ambas as teorias não desmerece ou tampouco ignora toda a crítica, todos os saberes produzidos anteriormente por ele a partir da fronteira-sul, apenas reafirmam sua importância.

À vista disso, salienta-se a necessidade de se distanciar de binarismos, do moderno, do excludente. O projeto moderno colocou à margem as histórias locais, privilegiando apenas os grandes centros hegemônicos, como a Europa e os Estados Unidos, por exemplo. Ao marginalizar essas histórias locais, seus protagonistas são esquecidos através de um processo universalizante e massacrante. A América Latina pode ser citada como um lócus posto à margem em detrimento desses projetos globais.

As histórias locais dos povos latino-americanos, principalmente os fronteiriços, foram relegadas ao esquecimento em função de relações coloniais, dos processos universalizantes. O que é da ordem do global é evidenciado, seja no que tange à cultura ou à produção crítica; já que é da ordem local é esquecido, principalmente no que convém às esferas linguísticas, culturais e críticas.

---

<sup>5</sup> Não que hoje, a crítica biográfica fronteiriça não esteja atravessada pela pós-colonialidade e a crítica biográfica. Muito pelo contrário, ambas estão imbricadas em suas teorizações. O que se torna válido ressaltar é o recorte realizado por Nolasco que junta as duas teorias, cunhando, por sua vez, o que conhecemos hoje por crítica biográfica fronteiriça, uma teoria própria da fronteira, da esfera local.

Diante desse cenário de exclusão e hegemonias, a pós-colonialidade surge como alternativa crítica para essas relações coloniais, de poder dos centros para as margens. Sendo assim, o crítico pós-colonial e, no nosso caso, fronteiriço, tem papel fundamental nessa (des)construção dos saberes, segundo Nolasco:

Quando a crítica subalterna barra o colonialismo interno imposto pela crítica dos centros ou de fora, ela escava uma fenda no discurso crítico periférico de modo que as heranças coloniais da zona de fronteira (Sul) venham à luz e não sejam mais ignoradas. [...] A experiência, ou a posição, na qual se encontra o crítico subalterno, ao mesmo tempo em que desenha o contorno do seu *bios*, também permite a inscrição da teorização pós-ocidental como uma “teorização bárbara” (selvagem, periférica, *fronteriza*). (NOLASCO, 2013, p. 12).

Desse modo, um conceito no qual Nolasco se detém é o de opção descolonial, na qual revelar as identidades escondidas e exumar as memórias e histórias locais engendram a base dos preceitos pós-coloniais. Deve-se pensar da exterioridade, deslocar-se da esfera hegemônica, globalizante europeia. Colocar em cena os saberes, a crítica, as línguas e as culturais locais são perspectivas da opção descolonial utilizada para reafirmar o discurso em prol da exumação daqueles que foram postos à margem, por meio da *história local europeia* que promoveu o apagamento das histórias locais de regiões e países marginais, como a América Latina.

Pensar em uma opção descolonial, implica teorizar a partir de um lugar específico, no nosso caso, da fronteira-sul. O lócus é fundamental uma vez que molda o lugar de fala do sujeito, ao falarmos da fronteira, somos a fronteira, a vivenciamos. Nossas sensibilidades biográficas são atravessadas pela condição fronteiriça; logo, há a busca de nos desvincularmos dos conceitos modernos de teoria e de sua universalização excludente: “A teorização pós-subalterna, por pensar da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade (Mignolo), radicaliza o conceito moderno de teoria e suas formas abstratas e universalizantes.” (NOLASCO, 2013, p. 13)

O problema reside justamente no fato da história local europeia ter se sobreposto a de outras regiões, como a da América Latina, por exemplo, apagando-a, colocando-a sob a margem. Diante disso, a língua espanhola e a portuguesa, as culturas locais e os saberes produzidos a partir desse lócus são subjugados aos europeus, na medida em que a hegemonia moderna encampa tudo que está do lado de fora do centro.

Por isso, pensar a partir da exterioridade faz-se necessário, deslocando assim o olhar estrábico da crítica tanto literária quanto cultural apenas para a Europa, negligenciando as produções latino-americanas, por exemplo. As fronteiras são alargadas para as formas outras de saber, produzidas em *loci* subalternos, fronteiriços, como Nolasco o faz magistralmente na

fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia. Há a necessidade de se descolonizar a produção intelectual acadêmica brasileira que, ainda hoje, em sua maioria, está assentada em conceitos modernos, por excelência. O sul-mato-grossense afirma:

A razão política de uma crítica subalterna como a da América Latina resume-se, grosso modo, na descolonização intelectual, na descolonização dos saberes, da pesquisa, das teorias, das produções culturais e da própria crítica. Agora, pensando em termos de Brasil, já passou da hora da crítica subalterna brasileira entender que as teorias críticas vindas de fora, como as dos Estados Unidos e da Europa, se, por um lado, ajudam-nos a compreender nossos problemas internos, por outro, elas não são uma “revelação” nem muito menos uma tábua de salvação (de apoio incondicional) para o crítico periférico brasileiro. (NOLASCO, 2013, p. 111).

Segundo o professor, essas teorias vindas dos centros hegemônicos podem ajudar-nos a compreender impasses internos, contudo, não são salvíficas, visto que não abarcam a diferença colonial entre os *loci* europeu e latino-americano. Deslocar uma teoria europeia e inseri-la em um *lócus* outro, atravessado por sujeitos de línguas, culturas e saberes distintos recorre, no mínimo, em uma ignorância por partes dos intelectuais brasileiros.

Esses sujeitos, por vivenciarem o *lócus* periférico, marginal e, muitas vezes, fronteiriços têm consciência dos efeitos que a hegemonia europeia possui nos discursos intelectuais transculturados. Assim, muitos, por conservadorismo teórico, preferem, ainda, em pleno século XXI, deter-se a preceitos binaristas, modernos, excludentes, reafirmando que a crítica latino-americana está a reboque daquela proveniente dos grandes centros.

A teorização produzida e pensada a partir do *lócus* geostórico e epistemológico fronteiriço possui sua própria independência, sem precisar seguir plêiades de autores e teorias transculturadas. Um exemplo disso é o sul-mato-grossense Nolasco que, através de suas produções intelectuais, visa desconstruir as falácias modernas e hegemônicas de que uma cultura local, uma crítica local sempre deve estar a serviço de projetos globais europeus ou norte-americanos, por exemplo.

Muitas das vezes, a leitura através da diferença faz-se muito mais enriquecedora teoricamente do que apenas deslocarmos algo produzido além do Atlântico e inserirmos no contexto de país emergente o qual vivenciamos. Acerca dessa noção, Homi K. Bhaba, teórico indiano, discorre em *O local da cultura* sobre as *teorias itinerantes* as quais estão intimamente relacionadas à plêiade de alguns teóricos e críticos latinos e brasileiros ainda atravessados por ideais modernos e coloniais, por excelência.

Diante disso, buscamos analisar e conceituar o percurso que Nolasco trilhou para cunhar a crítica biográfica fronteiriça desde seus estudos fronteiriços e crítico- biográficos a partir do seu *lócus* de enunciação: a fronteira-sul – tanto epistemológica, quanto geostórica.

Trabalhamos de maneira introdutória alguns conceitos basilares e trouxemos à tona percepções essenciais para a teoria, como o distanciamento da hegemonia moderna europeia.

## 2. Para uma epistemologia brasileira

[...] é por meio da articulação de uma epistemologia fronteiriça que se pode compreender e abarcar melhor as histórias locais desses *loci* epistemológicos e suas produções que continuam não encampados pelas críticas modernas geralmente pensadas dos grandes centros do país e do mundo moderno. O intelectual crítico fronteiriço aprendeu que somente uma crítica desse *locus* pode considerar em suas discussões as sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos e das produções envolvidas, inclusive a do próprio intelectual que optou por aprender a desaprender as lições canonizadas e cristalizadas nas bordas dos pensamentos fronteiriços. (NOLASCO, 2015, p. 51).

Após traçarmos o percurso conceitual que Edgar César Nolasco percorreu desde os estudos fronteiriços latino-americanos para cunhar o termo crítica biográfica fronteiriça, nos deteremos agora em compreender melhor como se deu a formação da crítica biográfica fronteiriça e como seus conceitos são articulados, a partir das noções de *bios* e *locus* que, imbricados por Nolasco, articulam-se através do conceito de *biolocus*.

A denominação CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA merece uma nota explicativa. Em meu livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013), como mostra o título, já me detinha acerca de uma crítica fronteiriça. Todavia, ali eu ainda me valia mais da rubrica pós-colonial ou pós-ocidental como forma de atender melhor aos postulados teóricos empregados. Não abri mão de tais teorias, muito pelo contrário. Mas entendo, agora, que elas se voltavam muito mais para uma América Latina como um todo e que, ao seu modo, continua a excluir o Brasil ou, quando não, este vinha meio a reboque. Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, fechei um pouco mais o recorte epistemológico e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu *bios* e do meu *locus*, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica. (NOLASCO, 2015, p. 47).

Sendo assim, nossas leituras estarão, particularmente, atravessadas por textos do professor sul-mato-grossense, tais como “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia) em *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia*, “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço” em *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Ocidente/Oriente: migrações*, e “Os condenados da fronteira” em *Michel Foucault: entre o passado e o presente*, 30 anos de (des)locamentos.

Além disso, por Nolasco engendrar sua discussão teórica à luz de Walter Mignolo, usaremos duas obras do argentino: *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* e *Desobediência epistêmica: a opção descolonial* e o

significado de identidade em política. Por fim, para discorrermos sobre teorias itinerantes, Homi K. Bhabha em *O local da cultura* servirá de alicerce teórico.

Sendo assim, segundo a epígrafe que inicia este subtítulo, Nolasco torna explícito o motivo pelo qual enxergou necessária a criação de uma teorização crítico- biográfica fronteiriça brasileira. Para o professor, as produções intelectuais acerca dos estudos fronteiriços na América Latina – a qual, por bem ou mal, o Brasil faz parte – não levavam em conta o contexto brasileiro e, quando o consideravam, estava a reboque, quase invisível.

Diante desse cenário, Nolasco, enquanto professor, crítico e constante produtor de saberes fronteiriços na academia, enxergou essa lacuna que as teorizações de ordem pós-coloniais brasileiras possuíam e decidiu restringir seu recorte epistemológico, cunhando o que conhecemos hoje por crítica biográfica fronteiriça.

Uma teorização brasileira erigida a partir da fronteira-Sul: Brasil, Paraguai e Bolívia. Essa restrição epistemológica foi benéfica no sentido em que o autor pode se aproximar mais do seu *bios* e *lócus*, visto que a fronteira é tanto geoistórica por abarcar as histórias locais dos povos fronteiriços, quanto epistemológica no que tange às produções do saber. Segundo Nolasco:

[...] Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, *fechei um pouco mais o recorte epistemológico* e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu *bios* e de meu *lócus*, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica. (NOLASCO, 2015, p. 47).

Mesmo que o professor sul-mato-grossense tenha cunhado o termo em 2015, já em 2013, no livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriça*, o autor demonstrava sua insatisfação quanto a pouca atenção que os estudos pós-coloniais davam ao Brasil. O olhar era sempre voltado para o *lócus* latino-americano – mesmo que o Brasil faça parte da América Latina, não se voltava o olhar para cá – e os intelectuais brasileiros que também produziam e produzem teorizações eram colocados a reboque.

Walter Mignolo, por mais que tenha sido basilar para a formação crítica pós-colonial de Nolasco, reforçava esse colonialismo interno entre as teorias pensadas em espanhol e em português, o qual expurgava o Brasil de suas discussões<sup>6</sup>. Entretanto, o professor fronteiriço conseguiu tirar proveito desse colonialismo interno e avançou as discussões, cunhando uma

---

<sup>6</sup> Diante disso, é válido pontuar os *loci* em que os discursos engendrados por Walter Mignolo são produzidos. Atualmente, Mignolo é professor de uma universidade norte-americana, isto é, erige sua produção teórica a partir de um grande centro. Sendo assim, esse fato não pode ser desconsiderado na discussão proposta por esse trabalho, visto que os debates pós-coloniais estão sempre atravessados pelo *lócus* geoistórico e epistemológico do crítico.

nova rubrica a qual abarca o seu lócus de enunciação, tanto territorial quanto epistemológico.

Segundo o sul-mato-grossense:

Ressalvadas as diferenças, essa prioridade em torno de um lócus territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como caminho às vezes solitário, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora. Foi no bojo dessa discussão que a teoria pós-ocidental de Walter Mignolo me ajudou a pensar a respeito de nossa crítica de fronteira. Se, por um lado, o Brasil, ou vem a reboque, ou fica de fora da discussão proposta pelo autor de *Histórias locais/Projetos Globais*, por um lado, essa teoria crítica pós-ocidental me permitiu compreender melhor um certo subalternismo interno que teima em subsistir na crítica brasileira, assim como um colonialismo crítico forte entre a crítica brasileira e as de fora, como as pensadas em espanhol. (NOLASCO, 2013, p. 16).

Desse modo, Nolasco lê Mignolo na diferença e ganha teoricamente com isso. O fato do argentino negligenciar o lócus brasileiro em sua crítica pós-colonial, despertou um incômodo no professor que pensa e erige seu discurso a partir da fronteira-sul. Esse desconforto foi positivo no sentido em que abre espaço para um recorte epistemológico mais específico e, ironicamente, como Mignolo propusera, elenca a produção de saberes a partir de onde se habita. No caso de Nolasco, a fronteira tanto geoistórica quanto imaginária.

No que tange ao conceito de lócus geoistórico, Nolasco em “Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)”, o define como não apenas um lugar geográfico específico, mas um local geográfico que possui histórias locais particulares, como a fronteira-sul a qual estamos atravessados. Uma vez que ela está territorialmente situada entre o Brasil e países limítrofes como o Paraguai e a Bolívia:

[...] local geoistórico não se refere *apenas* a um lugar geográfico específico, mas a um lugar geográfico que possua *uma história particular*: a fronteira-sul, aqui compreendida pelo estado de Mato Grosso do Sul Brasil e os países limítrofes Bolívia e Paraguai, não é nem a fronteira-Norte de meu próprio país (outros dialetos, povos, línguas, alimentos, odores, paisagens, clima, outros corpos, outras florestas, outros signos). (NOLASCO, 2015, p. 60).

Ainda sob a égide do conceito de lócus geoistórico, Nolasco, à luz de Mignolo, diferencia o que é da ordem da *teoria pós-colonial* e o que é *teorização pós-colonial*. Dessa forma, teoria pós-colonial está relacionada à percepção de mercadoria acadêmica em que disciplinas possuem seu lugar presas à visadas academicistas e em uma perspectiva teórica específica. Já o conceito de teorização pós-colonial é muito mais específico, pois emerge de outros conceitos como razão subalterna e gnose liminar. Segundo Nolasco:

[...] a teorização pós-colonial “são críticas incluídas na razão subalterna e na gnose liminar: um processo de pensamento que os que vivem sob a dominação colonial precisam empreender para negociar suas vidas e sua condição subalterna”. Nessa direção, a fronteira-Sul que contempla a discussão aqui proposta apresenta-se como

uma paisagem crítica específica para receber e, ao mesmo tempo, propor uma crítica cuja epistemológica fronteira engendra uma teorização pós-fronteira que começa precisamente pelo *bios* dos sujeitos envolvidos (incluindo o próprio crítico). (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2015, p. 51).

*Grosso modo*, é impossível trabalhar as teorizações pós-coloniais sem levar em conta a epistemologia que a própria condição fronteira propõe. Ao engendrar uma teorização pós-fronteira, utilizando-se do *bios* dos sujeitos que a habitam, a fronteira produz uma paisagem crítica específica àquelas histórias locais desconsideradas pelos projetos hegemônicos, como os habitantes da fronteira-Sul, por exemplo.

Isto posto, aos sujeitos que habitam a fronteira, há o ensejo de que demandem um posicionamento crítico abalizado por uma reflexão fronteira a qual vá contra o ideais modernos e excludentes. Reafirmando uma opção descolonial a partir do seu lócus geoistórico, por excelência. O fato de muitos críticos e teóricos brasileiros cultuarem a prática de migrar teorias universalizantes para as bordas corrobora com a barganha das vidas daqueles que habitam locais fronteiriços.

A saída teórica através da teorização pós-colonial, trabalhada por Nolasco, surge como “[...] um esforço em direção à libertação das vidas segregadas da/na fronteira, incluindo as memórias subalternas desses sujeitos e suas respectivas histórias locais.” (NOLASCO, 2015, p. 60). Histórias locais que foram esfumadas por um projeto moderno e que, hoje, através de teorizações pós-coloniais são exumadas por críticos que falam e produzem a partir da fronteira-sul.

Por meio dessa articulação, Nolasco ressalta que toda e qualquer produção de conhecimentos está atravessada pelas sensibilidades do lócus geoistórico, ou seja, o crítico produz a partir do lugar que vive e ocupa. Nós, enquanto sujeitos fronteiriços, temos consciência crítica do lugar que habitamos e falamos com propriedade desse lugar. Nossa fala está em todo momento atravessada por nossas sensibilidades biográficas, vivemos na fronteira e produzidos a partir dela.

Desse modo, tanto para o professor sul-mato-grossense, quanto para nós, a fronteira-Sul é pujante na produção de nossos saberes, não pensamos da Europa ou dos Estados Unidos, mas, sim, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, uma região porosa, pantanosa e, sobretudo, fronteira. O conhecimento que se produz aqui é diferente daquele emergido dos grandes centros, contudo, diferente não implica uma inferioridade. Segundo Nolasco:

[...] toda e qualquer *produção do conhecimento é inseparável do local geoistórico* (MIGNOLO) e, talvez seja mais exatamente por isso que devemos tomar as produções artístico-culturais, não mais como *objetos* passíveis de análise e de dissecação visando satisfazer tão somente os egos de proeminentes críticos modernos, mas como corpos vivos que produzem conhecimento a partir das

sensibilidades de um local geostórico com sua história em particular. (NOLASCO, 2015, p. 60-61).

Diante dessa conjunção entre o lugar de produção do saber, para nós e para Nolasco, a fronteira-Sul, e as sensibilidades biográficas/*bios*, o professor e crítico sul-mato-grossense cunhou o termo biolócus que consiste na junção de *bios* = vida + lócus = lugar. Essas associações são de suma importância para pensarmos teoricamente melhor como os processos de produção dos saberes a partir da fronteira se constituem. Questões tangíveis ao *bios* do intelectual e do seu lócus são sempre pulsantes na veia crítica biográfica fronteiriça. Nolasco ressalta:

Trata-se do que passa a denominar de (*bios*=vida + lócus = lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). *Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial.* (NOLASCO, 2015, p. 50 – grifo nosso).

Ao cunhar o termo biolócus, Nolasco evoca o conceito de diferença colonial, segundo a citação supracitada “Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial.” (NOLASCO, 2015, p. 50) O conceito de diferença colonial se mostra diversificado na obra *Projetos globais/histórias locais* de Walter Mignolo, contudo, por pensarmos a partir da fronteira-Sul, nos deteremos ao recorte, sob a luz de Mignolo, que o professor fronteiriço faz do conceito:

Conforme as defino, as ‘diferenças coloniais’ significam, em todo meu argumento (talvez eu devesse dizer ‘a diferença colonial’), a classificação do planeta no imaginário colonial/moderno praticada pela colonialidade do poder, uma energia e um maquinário que transforma diferenças em valores. (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2015, p. 50).

A diferença colonial faz justamente o caminho de transformar o que é da ordem da diferença, em valores. Logo, as diferenças dos *loci* latino-americanos e, sobretudo, brasileiros estão sempre a reboque dos europeus e norte-americanos, visto que, como afirma Mignolo, o projeto moderno transforma as diferenças em questões de valores; diante de um ideal hegemônico, os valores dos centros são superiores aos dos postos às margens.

À vista disso, Nolasco, enxerga nos pensamentos de ordem biográfico-epistemológicos uma saída para a desconstrução dessas ideologias hegemônicas e excludentes. Pensar da fronteira-Sul implica pensar *a partir de*, subvertendo a ótica da modernidade que propõe o modo de pensar *sobre* (o outro). Essa teorização de caráter fronteiriço permite a inscrição de *um novo sujeito epistemológico que pensa* a partir das

fronteiras e não mais dos centros hegemônicos detentores de dialéticas dualistas e universalizantes:

Quando se pensa a partir dos locais biográficos e epistemológicos, ou melhor, quando se pensa a partir da fronteira, é possível subverter a dialética dualista da modernidade, na qual existia apenas a forma de pensar *sobre* (o outro) e, por conseguinte, não previa a possibilidade de pensar *a partir de*. [...] entendemos que somente uma teorização fronteiriça permite a inscrição de *um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das e sobre as fronteiras*, como postula Mignolo. Assim, dessa perspectiva, se consegue romper a epistemologia moderna e compreender descolonialmente os sujeitos e as produções imbricados no lócus fronteiriço. (NOLASCO, 2015, p. 54).

Ainda no que convém à subversão dos ideais modernos, levando-se em consideração o biolócus dos sujeitos, Nolasco aborda esses conceitos subversivos em relação às produções culturais a partir da fronteira. Partindo de uma teorização de ordem biográfica fronteiriça, não há o menosprezo quanto às produções de culturais produzidas por saberes da vida local. A exclusão vigente nas esferas hegemônicas não tem espaço em uma perspectiva crítico-biográfica fronteiriça.

Esses sujeitos que produzem a partir da vida local emergem suas produções através de lugares esquecidos, à mercê da exterioridade pela população ocidental e dualista. Um exemplo de sujeito que produziu a partir da fronteira, especificamente a fronteira-Sul, foi Lobivar Matos. O poeta corumbaense, de uma opção descolonial inconsciente, deteu-se nas relações coloniais em seus poemas, dando voz a sujeitos relegados às margens pelo sistema colonial da época, como os negros e os indígenas, por exemplo.

Esse tipo de indivíduo que vive, sente, emerge e, sobretudo, produz a partir da fronteira, não pode ser relegado ao esquecimento como os projetos globais fizeram. A teorização crítico-biográfica fronteiriça vem para desconstruir a ideologia de que apenas o que está nos grandes centros mundiais é válido ou bom, como autores ou críticos europeus e norte-americanos. Sob o prisma de produções culturais locais, o professor fronteiriço afirma:

[...] é necessário que se atente para as marcas do lócus e do *bios* que vêm incrustadas, tanto nos *corpora* das produções culturais, quanto nas formulações conceituais emanadas dessas produções por meio de uma produção de conhecimento outro. Deve-se atentar, ainda, para a proposta político-epistemológica dos projetos subalternos intelectuais, bem como de seus respectivos autores, saídos desses lugares esquecidos e relegados à *exterioridade*, pela civilização ocidental. Uma *teorização de ordem biográfica fronteiriça*, como estou propondo aqui, não menospreza os saberes advindos da vida local em questão, mesmo quando se tem a consciência de que já existe toda uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros que permaneceram *fora* do sistema colonial moderno. (NOLASCO, 2015, p. 54).

Todavia, por mais que estejamos alocados na fronteira-Sul, enquanto território, e em contato com a crítica/cultura local, isso não implica, necessariamente, uma opção descolonial

por parte dos críticos. É perceptível que plêiades de intelectuais fronteiriços ainda hoje façam vista grossa quanto à *epistemologia fronteriza*. Nascer e viver em uma fronteira territorial não implica estar dissociado de conceitos hegemônicos.

Portanto, a territorialidade fronteiriça não se basta em si mesma, faz-se necessária a predisposição de se pensar a partir do emblema fronteira, além das noções territoriais. Imbricadas pelas sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos (biolocus), a crítica biográfica fronteiriça se constroi mediante o conhecimento crítico fronteiriço e de alguns preceitos, como histórias locais subalternas, memórias, discursos ou linguagens locais.

### 3. **Epistemologia do sul:** a importância de se *pensar a partir de*

A expressão “a partir de” é importante para uma discussão voltada ao discurso crítico fronteiriço por privilegiar tanto o locus enunciativo quanto o locus geográfico, como já assinala a condição de fronteiridade com a sua natureza específica. Nessa direção, não é demais lembrar que a fronteira-sul de onde me situo não é em nada igual à fronteira Norte de meu país. (NOLASCO, 2016, p. 49).

À luz do conceito de *pensar a partir de*, Nolasco não se limita apenas à produção de saberes teóricos, o professor engendra seu discurso crítico a partir de obras ficcionais e poéticas, atravessadas por seu *bios*, e, conseqüentemente, pelo locus fronteiriço (biolocus). Um exemplo disso é o livro *Pântano* (2014) que se constitui por poemas na forma de prosa imbricados por questões fronteiriças de cunho autobiográfico. Desde a capa, o livro se mostra abalizado em uma perspectiva da ordem do *bios*:

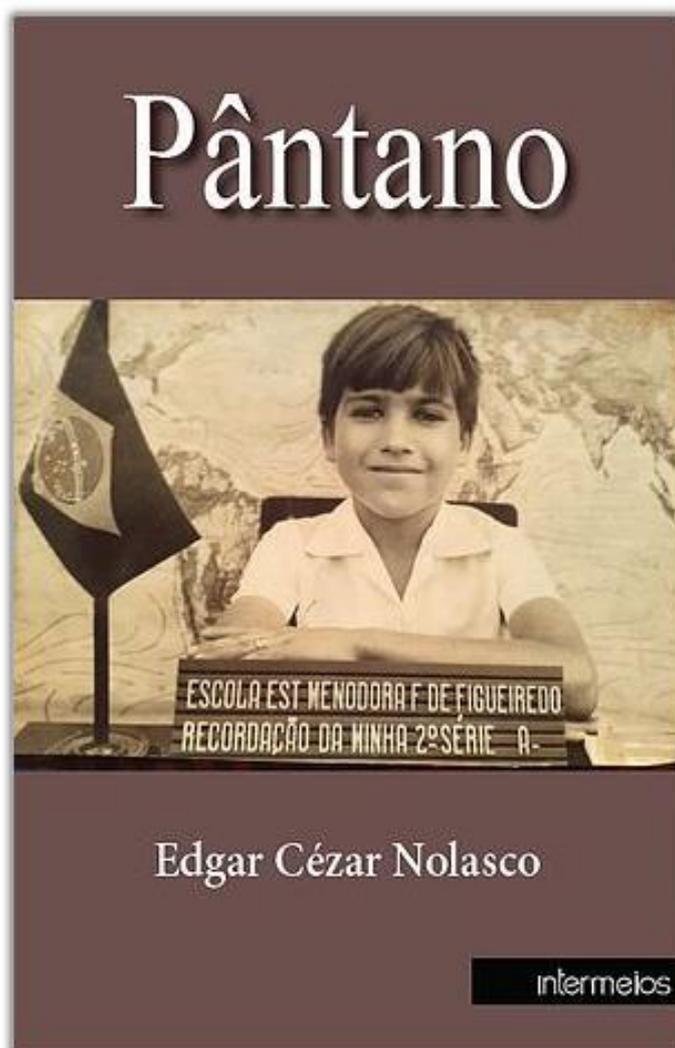


FIGURA 1 – Capa do livro *Pântano* do escritor, professor e crítico sul-mato-grossense Edgar César Nolasco  
Fonte: Biblioteca pessoal

Logo, como se observa através da imagem exposta, desde a capa, o livro de Nolasco ilustra uma consciência quanto à importância do *bios* na produção cultural e, neste caso, local do sujeito fronteiriço. Nolasco, por ser professor e teorizar acerca das perspectivas críticas biográficas fronteiriças, tem consciência da sua condição fronteiriça, lócus geostórico, e das sensibilidades locais que são brasileiras nos seus discursos.

Em diversos poemas, como “Epistemologia *fronteriza*”, “Penso, logo existo”, “Fronteira-Sul”, “Poética bugresca”, “Pântano”, “Memória”, “Revolta”, “Suas ficções, minhas ficções” o autor reforça sua condição tanto geostórica quanto epistemológica de homem fronteiriço e, por atravessamento das sensibilidades biográficas, rememora situações biográficas vividas durante sua vida na fronteira-Sul. A ação de pensar a partir da fronteira é

pujante na sua poética, Nolasco posiciona-se intelectualmente descolonial – opção descolonial *à la* Mignolo.

A rubrica que nomina a obra já contempla uma característica da fronteira, em “Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia)” Nolasco define a paisagem epistemológica da fronteira-Sul sendo: “[...] um mundo sombrio, *pantanosos*, e relegado à escuridão [...]”(NOLASCO, 2015, p. 55 – grifo nosso) E, na sua obra poética, em “Sentimento do mundo”, novamente, a fronteira é trazida à tona, vista pelo sul-mato-grossense como pantanosa, porosa e traiçoeira:

[...] Além do sentimento aprazível que posso oferecer da fronteira, ofereço também o seu outro lado: *minha fronteira é porosa, traiçoeira e pantanosa*. Não deixa de ser suicida, pois corpos simplesmente desaparecer quando de noite a fronteira dorme dentro de seu silêncio aparente. Há outros corpos estranhos que são encontrados na travessia. Também já tive terras, galinhas e sonhos. Hoje não tenho mais nada, exceto esse sentimento certo de que a vida me tudo tudo o que eu podia merecer dela. (NOLASCO, 2014, p. 57).

À vista disso, as obras teórico-críticas e ficcional-poéticas de Nolasco estão sempre sob o crivo do biolocus, visto que a fronteira-Sul é basilar para as produções do autor. Os conceitos biográfico-fronteiriços estão tão intrínsecos aos *bios* de Nolasco que, através da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o professor tem compartilhado sua opção descolonial com seus alunos e orientandos, colaborando com a produção de discussões, artigos, ensaios e, sobretudo, dissertações atravessados por esse recorte epistemológico.

Outro poema de o *Pântano* que, diante do debate fronteiriço aqui engendrado, mostra-se substancial é “Epistemologia *fronteriza*”, o qual, novamente, Nolasco reafirma sua condição de indivíduo oriundo da fronteira-Sul. Contudo, faz um avanço teórico e, na esteira do pensamento de Mignolo, evoca a noção de *aprendi a desaprender*:

Nasci na fronteira-Sul;  
Cresci na fronteira-Sul;  
Parti da fronteira-Sul.

Trouxa a fronteira-Sul dentro de mim:  
- Um grande sertão epistemológico.

Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira. (NOLASCO, 2014, p. 13)

Logo, Nolasco, enquanto crítico fronteiriço, compreende que apenas uma crítica de ordem biográfico-fronteiriça dá conta de levar em consideração as sensibilidades biográficas e os *loci* de produção dos saberes desses sujeitos. Essa forma de pensamento corrobora em um modo de aprender a desaprender as teorias modernas e hegemônicas erigidas dos grandes

centros que, durante toda a história do saber, empurraram para as margens os conhecimentos e, como consequência, os intelectuais locais.

Ao teorizar e ficcionalizar, consciente do seu biolocus, o professor inscreve-se na sua discussão enquanto indivíduo fronteiriço e distancia-se da herança moderna e ocidental falida. Um espólio o qual ainda é repetido incessavelmente em muitos âmbitos da academia brasileira – até mesmo por professores alocados na fronteira-sul que, por ignorância teórica, continuam reforçando conceitos universalizantes, por excelência. Segundo Nolasco:

Esse crítico sabe da importância de sua inscrição na sua discussão prática teórica por ela, sabe que, ao agir assim, não cai na velha prática herdada pelas bordas do grande centro moderno de repetir à exaustão uma lição teórica falida e põe em execução uma *teorização pós-colonial* (MIGNOLO) que se articula por fora das demais teorias aquilatadas dentro do grande sistema moderno que ensombrou o mundo até o final do século 20. (NOLASCO, 2015, p. 56).

Isto posto, as subjetividades imbricadas pelo crítico ou por sujeitos que produzem a partir da fronteira, como Lobivar Matos, são atravessadas por esferas tanto do *bios* quanto do locus de enunciação. Em razão de que tais subjetividades biográficas não foram consideradas pelo projeto moderno universalizante. Foram relegadas à exterioridade, às margens – como todo o construto das histórias locais fronteiriças.

Essas subjetividades locais não são oriundas de teorias ocidentais, como a Psicanálise ou a Teoria do discurso<sup>7</sup>, por exemplo. Mas sim, produtos de atravessamentos biolocais, as quais as epistemologias modernas trataram de relegar ao esquecimento. Para os centros hegemônicos, as produções críticas e artísticas latino-americanas e, sobretudo, brasileiras são inferiores e, portanto, devem ser deixadas à margem, relegadas ao seu completo destino esfumaçante: “Todos esses filhos (da meia noite da fronteira-Sul) e representantes legítimos do lugar fronteiriço trazem amalgamados em seus corpos (por meio da heranças e errâncias) o *bios* e o locus (biolocus) de uma vida vivia, ou passada na fronteira-Sul” (NOLASCO, 2015, p. 56).

Tais produções culturais e artísticas ao serem criadas e pensadas a partir de um locus fronteiriço, como a fronteira-sul, se caracterizam como um método crítico com capacidade de barrar a dialética moderna outorgada aos indivíduos fronteiriços. Essa prática, emergida por uma opção descolonial, é configurada por Nolasco, sob a égide de Mignolo, como desobediência epistêmica. Assim, o professor sul-mato-grossense elenca uma possível definição de desobediência epistêmica:

---

<sup>7</sup> Cf. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia) de Edgar César Nolasco.

Mas, em se tratando de um país colossal como o Brasil, pensar da fronteira também pode significar romper aquele velho costume de que apenas os grandes centros do país e, por extensão, as grandes universidades pensam e produzem conhecimento. Não se trata de repetir conceitos aleatoriamente nas bordas e propor, por conseguinte, uma *desobediência epistêmica* com relação tanto a um raço subalternista que persiste dentro do país de achar que apenas os grandes centros pensam por todos, quanto de desfazer a prática de importação crítica de conceitos migrados para as zonas de fora dos eixos. (NOLASCO, 2015, p. 52).

Desse modo, Nolasco está sob a plêiade de críticos e escritores brasileiros a qual destoa daquelas que se mantêm reproduzindo teorias exportadas dos grandes centros em que as extremidades, as margens, são excluídas. O discurso moderno ainda impera em boa parte da academia, contudo, professores como Nolasco, a partir da sua opção descolonial, se firmam enquanto sujeitos produzindo e ensinando a partir da fronteira.

Em “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço” o crítico sul-mato-grossense discute sobre a necessidade da descolonização dos saberes e, por sequência, a premência de dar notoriedade para os discursos produzidos nas margens, como a fronteira-Sul, por exemplo. As teorias exportadas dos grandes centros hegemônicos empurram os saberes locais cada vez mais para as margens, como aconteceu com Lobivar Matos – poeta corumbaense fronteiriço que foi expurgado do cânone literário brasileiro. Segundo Nolasco:

É preciso descolonizar o discurso teórico e crítico que está acostumado a reinar na periferia do mundo. Isso, em parte, já vem acontecendo, e cada vez mais. Sobretudo quando os pesquisadores, os intelectuais das margens, ao invés de ficarem reproduzindo conceitos estereotipados do pensamento moderno, se predispõem a pensar a partir de uma *epistemologia fronteriza* (ANZALDÚA). (NOLASCO, 2016, p. 51).

Diante desse cenário em que teorias hegemônicas são exportadas e utilizadas pelas periferias sem nenhuma responsabilidade em relação ao lócus geoistórico, Walter D. Mignolo em *Histórias locais / projetos globais* discute sobre a noção transculturação. Para o autor, as teorias tornaram-se objetos, visto que não há cautela alguma quanto aos seus usos ou até mesmo aos *loci* em que foram e são aplicadas constantemente:

Assim, há algo além do fato de que teorias viajam ou são transculturadas e que há pessoas nos lugares onde as teorias são recebidas que suspeitam dessas viagens. As perguntas serão, portanto, quem as espera ou convida? Qual função ou papel representou a teoria X no lugar onde apareceu, e qual a função ou papel que tal teoria representou no lugar para onde viajou ou foi exportada? O problema é, em resumo: Qual a relação entre o local geoistórico e a produção do saber? Quais são as histórias locais desses agentes e teorias? E a pergunta está sendo feita aqui, no contexto geoistórico da modernidade/colonialidade, ou na sede da epistemologia no sistema mundial moderno, o que dá na mesma. (MIGNOLO, 2003, p. 241).

Isto é, de modo frequente, os saberes marginais se apropriam de teorias viajantes dos grandes centros sem ao mesmo se preocuparem com a relação dela com a história local

daqueles sujeitos. Uma teoria aquilatada em um contexto europeu, por exemplo, não condiz com a realidade do Mato Grosso do Sul. Logo, apropriar-se dela, sem considerar a relação teoria-lócus é pôr a margem mais ainda as teorizações propostas a partir da fronteira-Sul. O Brasil e, sobretudo, os *loci* fronteiriços produzem teorizações e devemos nos utilizar delas.

Por fim, Homi K. Bhabha em *O local da cultura* traz à tona a questão das teorias itinerantes. Se, pensarmos teorias itinerantes, à luz de transculturação de Mignolo, podemos aferir que muitas dos críticos e teóricos que se utilizam dessas teorias viajantes não se preocupam com a história local daquele lócus. Apenas reproduzem uma teoria proposta e realizada por teóricos, muitas vezes, brancos e europeus, em que as histórias locais das margens nunca têm vez e são relegadas ao esquecimento. Assim sendo, Bhabha afirma:

Se, em nossa teoria itinerante, estamos conscientes da *metaforicidade* dos povos de comunidades imaginadas – migrantes ou metropolitanos – então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de “duplicidade” de escrita, *uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada*. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à “energia não sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade”. Precisamos de um outro tempo de *escrita* que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental. (BHABHA, 2013, p. 230).

### Referências

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourença de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 p.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 505 p.
- NOLASCO, E. C. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Ocidente/Oriente: migrações*. v. 8, n. 15. Campo Grande: Editora UFMS, 2016. p. 47-66. (Artigo em Periódico)
- NOLASCO, E. C. A razão pós-subalterna da crítica latina. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade*. v. 5, n. 9 Campo Grande: Editora UFMS, 2013, p. 09-22.
- NOLASCO, E. C. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014. 110 p.
- NOLASCO, E. C. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. 180 p.

NOLASCO, E. C.. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia*. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63. (Artigo em Periódico)